



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17660 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GE Corpo e Educação

O MOVIMENTO COMO VIOLÊNCIA: PISTAS INICIAIS PARA DESENVOLVER RUPTURAS.

Jessica Gonçalves Lima - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

O MOVIMENTO COMO VIOLÊNCIA: PISTAS INICIAIS PARA DESENVOLVER RUPTURAS

Esta proposta de investigação parte de um projeto de doutoramento em fase inicial de desenvolvimento. Investigo como a violência estrutural pode acontecer no corpo. Em aulas de Dança na Educação Básica, especificamente na Educação de Jovens e Adultos, margeados por favelas, traçantes sob nossos pés ou cabeças, observou-se esse clima bélico como ato pertencente ao fazer pedagógico. A violência torna-se presente muitas vezes, em atos, xingamentos e formas de resistir a interação com a aula. A minha relação educacional acontece na violência, no conflito e no atravessamento brusco como rompante.

Quanto custa viver em um território marginal? Baseada em referências sobre corporeidades e corporalidades, venho observando de alguma forma como a violência estrutural atinge corpos periféricos e como ela pressupõe movimento? Qual o contexto constrói a historicidade dessas subjetividades em acontecimento? Falo de todos nós, mórbidos e permeados em um invólucro de fadiga, o corpo que reage e age ao neoliberalismo todos os dias, se alimentando e regurgitando o que não é digerido nesse processo. Um corpo, que mesmo sem perfurações é atravessado pelos traçantes do Estado, se não todos os dias, quase todos.

O estudo da educação desse movimento, seria no sentido da coreopólicia do Lepecki (2013), que traz a polícia, no Rio de Janeiro, na perspectiva de uma força controlada pelo estado, como um determinador coreográfico de movimentos, compreendendo-a como um “sistema de presença e um vetor de forças que determinam, orientam e contêm movimentos” (Lepecki, 2013, p. 54). Desta forma, a escola é controlada pela coreopólicia, e quem a habita

segue esse ordenamento. Como é possível ainda inventar um corpo nessa escola?

A educação persegue fins de guerra...Penso que as guerras educacionais, “são guerras de classe, de raça, de sexo, de subjetividade” (Alliez, Lazzarato, 2020, p.13) guerras que ninguém vence, mas que todos continuam operando para o funcionamento dela. É preciso sangrar para aprender?

Esse modelo de escola cartesiano foi custando a experiência do corpo. Erico Andrade, nos recorda que, dentre muitas outras coisas, “é necessário quebrar as imposições do modelo colonial como condição identitária” (Andrade, 2023, p.25), é certo que no texto, ele aborda a questão de pessoas negras. E por isso, penso nessa escola em questão, que é majoritariamente frequentada por mulheres negras, o quanto a violência também está imposta em uma estrutura que desvia essa construção da própria identidade, quando forja uma estrutura não curricular, mas pedagógica, ainda colonial. Então, a presença política do corpo, é capaz de criar um movimento contra colonial na escola? Corpos marginais na escola já são políticos, mas e o mover-se?

Nesta cena, uma pista, o corpo. O corpo como esse lugar da experiência, que traz na corporeidade, vivências encarnadas e que através dessa teimosia e resistência em continuar indo a aula, pode transformar este espaço baseadas nas discussões de Foucault (2013) em heterotopias, que são a contestação e a produção de outras inventividades de espaços já destinados ou conhecidos por suas ações, propondo lugares e espaços que funcionem em condições não hegemônicas. Nesse sentido de espaço, é fundamental pensar esse corpo de maneira relacional que já chega ao espaço escolar e se destina a um *modus operandi*. Então, como pensar nesse espaço escolar também como produtor de heterotopias a partir da presença desses corpos, que não são entes isolados da violência, mas que, com ela, além de caminharem pelo que não lhes é confortável, produzem danças e/ou movimentos possíveis? Propriamente dizendo: a escola pode ser um agente dessa desmontagem heterotópica?

Compreendo que o conflito que emerge na sala de aula, não é briga, é a política acontecendo. Então tenho por intuito mapear essas conexões que vão acontecendo. Como esses conceitos de agenciamento/transformações a partir de diferentes coisas se relacionam nesses corpos, enquanto o lugar que eles habitam (escola? Trabalho? Comunidade?) Como a heterogeneidade que envolve essas políticas se transformam (ou acontecem?) nesses corpos? Do que a violência é ou pode ser capaz?

Nesse sentido a violência, é a própria ação política aparecendo, diferentes mundos se encontrando, se desentendendo, a aula provocando o corpo e a violência poder ser uma linguagem que comunica o desconforto do acontecimento.

Nesta mesma direção, Jacques Rancière (1996) ajuda a pensar sobre essa aula como uma atividade política, não por natureza, mas condução, intencional, para que e por que esse mover? “A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali

onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho” (p.42)

Uma política que é educacional porque mobiliza. Porque o ato de se mover, é uma construção política desse movimento. Sendo assim, violenta, rompe, fere, produz um efeito. Mover-se politicamente. É a relação que vai tecendo a produzindo efeito. Múltiplos corpos no front, como conduz a violência sem sangrar?

Palavras-chave: Corpo, Movimento, Educação, Violência

REFERÊNCIAS

ALLIEZ, E.; LAZZARATO, M. Guerras e capital. Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Ubu, 2020.

Andrade, É.. Negritude sem identidade: Sobre as narrativas singulares das pessoas negras. n-1 Edições, 2023.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 edições, 2013.

LEPECKI, André. Coreo-política e coreo-polícia. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 13, n. 1,2, p. 041–060, 2013. DOI: 10.5007/2175- 8034.2011v13n1-2p41. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n12p41>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Ranciére J. O Desentendimento: política e filosofia. Tradução: Ângela Leite Lopes. São Paulo; Editora 34, 1996.